
Sociólogos nas escolas. A dinamização de uma rede educativa

*Cátia Afonso**, *Andreia Silva**, *Sónia Vale** e *Paulo Xavier***

Sumário

Porque é que não há sociólogos nas escolas? Os sociólogos são úteis nas organizações e as escolas são organizações. Os sociólogos ajudam as organizações a enfrentar os desafios da inovação e as escolas precisam de inovar a diversos níveis. Neste trabalho tentamos dar um exemplo da forma como os sociólogos podem ser uma peça importante num processo de inovação ao nível escolar. Trata-se da análise de um projecto realizado no âmbito de um estágio curricular, mas que poderá ser o ponto de partida para a abertura de um novo mercado de trabalho para os sociólogos.

Introdução

Não é frequente encontrarmos alunos de sociologia a fazer estágio curricular em escolas. O projecto que aqui se discute é um desses raros casos e resulta da nossa convicção de que os sociólogos têm um espaço nas escolas do futuro.

É de realçar que todo este projecto gira em torno da Biblioteca Escolar/ Centro de Recursos Educativos do Agrupamento, porque este espaço é o pólo aglutinador de toda a informação necessária ao processo de investigação. Para além disso, este projecto pretende fazer chegar a Biblioteca (BE/CRE) a todas as escolas do Agrupamento. Pretende-se com o Projecto criar uma dinâmica de grupos, que possa reunir e organizar a informação para que os trabalhos desenvolvidos possam ter melhores resultados. Considera-se premente promover o recurso à Biblioteca por parte de todas as escolas porque, embora esta pretenda servir todo o Agrupamento, a dispersão geográfica das escolas torna difícil o acesso à mesma, na escola sede. É então objectivo deste projecto que o acesso à biblioteca, e informação seja facilitado e regularizado.

Em Outubro de 2003 o Agrupamento Escolar de Rio Caldo acolheu uma equipa de três estagiárias da Licenciatura em Sociologia da Universidade do Minho e, foi nesse contexto que se gerou o projecto que aqui se apresenta e que recebeu o nome “Os Búrios”.

Búrios era o nome de um povo de origem germana que se instalou no território compreendido entre o rio Homem e o rio Cávado, que é actualmente o espaço geográfico onde se encontra o Concelho de Terras de Bouro e, por conseguinte, Rio Caldo. Pensa-se também que foi este povo que deu nome aos Terraburienses.

Este projecto visa ligar o passado com o futuro, despertando uma identidade que põe todos em comum, para desse sentimento colectivo fazer emergir formas de trabalho mais cooperativas no Agrupamento.

Os Búrios são o mote para que alunos e professores das várias escolas e jardins-de-infância se envolvam num trabalho colaborativo de pesquisa e produção de conteúdos.

O projecto é inovador, sobretudo por implicar fortes mudanças nos processos de trabalho e nas dinâmicas de interacção mas, também, por usar um suporte tecnológico extremamente actual – uma plataforma electrónica de trabalho colaborativo.

A introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em qualquer organização é, por si só, um processo de mudança organizacional. Em escolas, como em empresas,

* Finalista do curso de licenciatura em Sociologia da Universidade do Minho

** Instituto de Ciências Sociais – Universidade do Minho

muitos projectos de introdução das TIC têm fracassado por negligenciarem os factores sociais que estão implicados em qualquer processo de mudança.

O projecto “Os Búrios” integra as TIC numa mudança organizacional em curso. Não são as TIC que impõem a mudança, são elas que dão suporte e que facilitam a mudança.

Este projecto incide a sua intervenção no contexto escolar mas pode ser visto como um projecto de desenvolvimento comunitário a uma escala mais alargada.

Fomentar o trabalho em rede e interdisciplinar, promover o exercício da cidadania, estimular a criatividade e autonomia na construção do conhecimento e desenvolver comunidades de aprendizagem, são objectivos importantíssimos para os quais o sistema educativo tem que contribuir. A sociedade cada vez mais mutável e competitiva assim o exige.

Neste trabalho, pretendemos apresentar um exemplo de como os sociólogos podem ajudar as escolas a enfrentar os novos desafios que se lhes colocam. Nós dispomos de instrumentos conceptuais e operacionais com um enorme valor para as organizações e as escolas necessitam desse tipo de apoio. Ao longo desta apresentação, tentaremos mostrar de forma um pouco mais detalhada os níveis em que o nosso apoio poderá ser útil.

O modelo de base

A Internet permitiu que muitas empresas, universidade e outras organizações constituíssem equipas virtuais, isto é, equipas de pessoas a trabalhar colaborativamente, à distância, através de meios electrónicos. Contudo, quer a natureza mediada da comunicação nestes grupos, quer a diversidade cultural que muitas vezes lhes está associada, fazem com que as equipas virtuais mereçam uma atenção especial.

Rutkowski et al. (2002) apresentam um modelo que esquematiza os problemas associados às equipas virtuais. Esse modelo, designado como "onion skin" (casca de cebola), organiza esses problemas em camadas concêntricas nas quais, do exterior para o interior, encontramos a seguinte sequência de dificuldades: dificuldades motivacionais, dificuldades de contextualização, dificuldades tecnológicas, dificuldades na interacção, dificuldades estruturais, dificuldades processuais, dificuldades relacionadas com a cultura nacional (quando estão envolvidos países diferentes), dificuldades relacionadas com a cultura profissional (quando estão envolvidos grupos profissionais diferentes) e, no centro de tudo, dificuldades relacionadas com a produção criativa de conteúdos.

Segundo este modelo, é necessário resolver os problemas mais exteriores para que os problemas mais interiores se manifestem e exijam a nossa atenção. Exemplo desta implicação é o facto dos problemas de interacção não serem verdadeiros problemas enquanto houver problemas de natureza tecnológica que inibam a interacção entre as pessoas. Só uma vez resolvidos esses problemas tecnológicos é que as pessoas se dão conta das dificuldades que é necessário ultrapassar ao nível das interacções.

Os focos de intervenção do nosso projecto apontam para os níveis da interacção e dos processos de trabalho (desenvolver nas crianças e nos professores competências para o trabalho colaborativo) e para o nível da produção criativa de conteúdos (os objectivos pedagógicos ao nível da aquisição e aplicação de conhecimentos programáticos). Este último objectivo, estando no centro do modelo da "casca de cebola", implica que tenhamos que dar atenção a todas as outras camadas (à excepção daquela que remete para as diferenças nacionais). Vamos então analisar os cuidados que deveremos ter para prevenir e ultrapassar as dificuldades que poderemos ter aos vários níveis.

A motivação dos participantes

Logo no início do ano lectivo, foi realizada uma sessão de apresentação do grupo de estágio aos professores. Nessa reunião, valorizámos os seus conhecimentos, experiência e competências ao nível da educação que, associados aos nossos conhecimentos sobre processos sociais, poderiam resultar num trabalho mais completo, aprofundado e eficaz. O objectivo era motivar os professores para se associarem a este projecto coordenado pelo grupo de estágio e pela responsável da biblioteca.

De acordo com José Aloyseo Bzuneck, existe “altas crenças de eficácia” (Bzuneck, s.d., pp.9) por parte dos professores quando estes integram projectos pedagógicos com metas definidas, com um planeamento consensual sobre todas as actividades, com uma ideologia de uma melhoria constante e com uma integração entre filosofias pessoais e da escola. Na apresentação e desenvolvimento do projecto foi relevante especificar estas premissas para que a motivação se desse intrinsecamente mais do que extrinsecamente.

Promovemos também um concurso, estimulando os alunos a pesquisar informação acerca do tema “Os Búrios”, para que fossem descobrindo o porquê da escolha desse nome.

Foi desenvolvido um plano de marketing com dois objectivos: o de promover o projecto internamente, para reunir o máximo de participantes e o de promover externamente o projecto, de modo a obter patrocínios para financiar a plataforma electrónica e as actividades a ela associadas. Apostámos na divulgação junto a entidades com algum relevo (como por exemplo o IPJ, Empresas Águas do Cavado, IPPAR; Governo Civil, Câmara Municipal de Terras de Bouro, entre outros) e na divulgação junto a alguns órgãos de comunicação de âmbito local, regional e nacional. A visibilidade e reconhecimento adquiridos pelo projecto estendem-se naturalmente aos seus participantes, pelo que opera também como um factor motivacional de extrema importância.

Mas não basta motivar as pessoas para aderir ao projecto. É necessário motivá-las para permanecer e trabalhar nele de forma empenhada. Um dos grandes riscos em qualquer projecto que envolva mudanças nas dinâmicas de uma organização é o de que as pessoas desinvistam, e tudo retorne ao equilíbrio anterior antes das mudanças terem tido oportunidade de se instalar como uma nova forma de equilíbrio.

Por isso, é particularmente importante fazer com que o projecto seja intrinsecamente motivante para todos os participantes. Quanto menos se depender de factores extrínsecos, mais hipóteses haverá do projecto se manter vivo. Se a motivação das pessoas estiver na raiz do projecto, a necessidade de intervir à posteriori para as motivar será menor.

Acreditamos que os professores e educadoras que se voluntariaram para o projecto estão intrinsecamente motivados para fazer um trabalho criativo e inovador, bem como para trabalhar em equipa.

O trabalho colaborativo dentro das escolas gera influências positivas, pois favorece mais cooperação interpessoal. Existem estudos que apontam que os professores “se sentem com mais eficácia porque as ajudas que recebem dos seus colegas contribuem para a melhora progressiva das suas habilidades de ensino e no domínio de conteúdos (Ross, 1995), que representam por sua vez factores primordiais para que os alunos se envolvam e aprendam”. Desta forma, a própria cooperação terá como resultado final a percepção de experiências de êxito por parte dos professores.” (Bzuneck, pp.10)

Este género de projecto exige por parte do grupo coordenador um constante feedback de modo a valorizar as motivações intrínsecas dos professores. Esta questão no nosso contexto escolar tem dado origem a duas reacções: Insegurança e Altos níveis de eficácia. Como as nossas intervenções são estruturadas num sentido positivo de valorização, os professores sentem-se “em dívida” perante o projecto e temem não conseguir corresponder às expectativas neles depositadas. Por outro lado, gera-se uma reacção em cadeia em que há um estímulo permanente para a maior e

melhor produção criativa de conteúdos, pois a visibilidade e importância que é dada a todo o trabalho por eles elaborado é um forte factor motivacional.

Devido à grande instabilidade do corpo docente é necessário activar estas “ferramentas motivacionais”. O discurso dos professores indica-nos que poderá ser-lhes difícil colaborar activamente num projecto que, no caso de virem a mudar de escola, terão que abandonar. Ao longo de um ano lectivo foi investido muito num projecto do qual não têm garantias de receber contrapartidas, pelo menos imediatas. Seria de todo pertinente pensarmos em equipas de professores estáveis para manter o espírito de projectos em equipa como este, pois só assim será possível continuar um processo de mudança como este que está a decorrer no Agrupamento. Todos os processos de mudança são “dolorosos” e mesmo as mudanças planeadas, como é o caso, são áreas sensíveis e necessitam de um corpo de recursos humanos estáveis e altamente motivados.

Pensando nos alunos, construiu-se na Biblioteca um painel expositor, em constante actualização, com dupla funcionalidade: informativa e motivacional. No painel estão expostos esquematicamente os grupos de trabalho e as redes de parceria estabelecidas segundo os subtemas que eles escolheram. Os esquemas foram construídos através de fotografias de todos os grupos de trabalho. Este instrumento de comunicação tem um valor motivacional muito importante para os alunos. A visibilidade que o projecto lhes dá contribui significativamente para a sua auto-estima.

As TIC que pretendemos introduzir na escola fazem parte de uma intervenção estruturada. As representações que as pessoas têm das TIC, envolvem uma forte crença de que “aquilo que é novo é, naturalmente, bom e importante”. Acreditamos que a educação e o ensino estarão cada vez mais próximo do ciberespaço e estas representações podem ser usadas como factor motivacional para a aceitação e adesão ao projecto. As infundáveis potencialidades que nos são oferecidas por estas ferramentas poderão permitir ao professor o planeamento de aulas extremamente criativas e motivar acrescidamente os seus alunos. Importa referir que o contexto social no qual estamos a intervir tem uma elevada percentagem de abandono escolar e com poucas aspirações de prosseguimento de estudos. Assim, parece-nos de todo pertinente trabalhar as questões de motivação em relação aos alunos, onde projectos com estas características poderão fazer a diferença. Estamos, desta forma, a motivar os jovens e crianças para o projecto “Os Búrios”, em particular, e para a Escola, numa maneira geral.

O tema do projecto – “Os Búrios” – remete para factores de identidade cultural e geográfica. Acreditamos que os participantes estarão particularmente motivados para trabalhar assuntos com os quais se identifiquem e que o produto final desse trabalho será, também, um estímulo importante, já que irá valorizar exteriormente a imagem de um grupo com o qual eles se identificam.

Daí que também se tornou importante trabalhar a imagem deste projecto de modo a torná-lo único e apetecível quer ao público interno, quer ao público externo.

Com a colaboração de duas designers conseguimos, mediante uma análise dos critérios que deveriam ser os mais importantes neste processo, criar a logomarca dos Búrios que traduz todo o espírito e filosofia deste projecto. Esta imagem baseia-se no Rio Caldo, pois “tal como os rios se estendem num sistema de rede também a informação é veiculada em rede, ora verbal, no sentido em que a mensagem é transmitida entre vários elementos que se comunicam entre si, ora escrita, como no caso da Internet. Neste caso, o Agrupamento e a Biblioteca pretendem ser núcleos de informação tornando-se acessíveis a quem os quiser consultar. O conceito de ligação pressupõe já a existência de dois ou mais corpos unidos e que de alguma forma comunicam como se fossem células.” (Ana Brandão e Ana Araújo, 2004, Sinopse da logomarca Búrios).

A preparação do contexto

A informação é importante, não apenas para motivar as pessoas, mas também para criar uma base comum de conhecimento sobre o contexto e os objectivos do projecto.

Foram elaborados cartazes com informação sobre o projecto e salientando a sua designação. Envolvemos também os professores neste trabalho de preparação, pedindo-lhes para explicar aos alunos o significado do termo “Búrios” e o porquê da escolha desse tema.

Têm sido realizadas, desde o início, reuniões com o todo corpo docente para divulgação de informação, para planeamento e para articulação de trabalho. Essas reuniões, umas mais formais, outras mais informais, têm sido fundamentais para transmitir a essência deste projecto. No início havia leituras muito diversas daquilo que seriam os propósitos da iniciativa e, progressivamente, essas interpretações foram convergindo para uma perspectiva mais consensual e realista.

Com o cruzamento e divulgação dessa informação os grupos de trabalho foram surgindo espontaneamente, percebendo-se a essência do projecto e o papel de cada um.

As reuniões são preparadas com antecedência e com alguns cuidados, não descurando a estratégia de marketing delineada. Em cada reunião procura-se sempre introduzir um elemento novo (um convidado, apresentações em PowerPoint e outras pequenas surpresas). Mesmo quando as reuniões são agendadas através de convocatória nós fazemos questão de contactar os professores pessoalmente, aumentando assim a probabilidade da sua participação e fazendo-os sentir essenciais em todo processo.

A criação de um contexto, sobretudo quando se trata de um contexto com novas regras de funcionamento, requer consistência entre o discurso e as acções. Não importa quantas vezes repetimos que a participação de todos é bem-vinda se não nos esforçarmos por valorizar e envolver todas as pessoas. É isso que procuramos fazer desde o início deste projecto. Procuramos, por todos os meios, chamar todos e mostrar-lhes o quanto desejamos a sua participação.

O carácter facilitador e não directivo da nossa coordenação também esteve sempre patente na forma como estimulámos os docentes a criar, por iniciativa própria, as parcerias que achavam mais interessantes.

A infra-estrutura tecnológica de suporte

O projecto envolve a colaboração de turmas de diferentes escolas do Agrupamento. Sendo difícil a deslocação frequente de alunos e docentes, a comunicação à distância torna-se crucial e, por isso, um factor crítico. A articulação entre os participantes está, neste momento, dependente das reuniões e da informação que a equipa coordenadora veicula, mas a agilização dos processos requer ferramentas de comunicação apropriadas.

Está a ser desenhada uma plataforma electrónica que irá, através da Internet, manter todo o Agrupamento em contacto e ligado entre si. A plataforma terá as principais características de uma ferramenta de suporte ao trabalho colaborativo e possibilitará a coordenação dos subprojectos, a comunicação entre todos os participantes, a partilha de recursos, a edição conjunta de documentos e a exibição dos produtos finais.

As tecnologias tanto podem ser um valioso instrumento de trabalho como podem ser uma enorme fonte de problemas e frustrações. A prevenção desses problemas passará por um conjunto de medidas a implementar:

- Será proporcionada formação aos professores e educadoras na utilização de ferramentas gerais da Internet (nomeadamente, uma plataforma electrónica mais simples) e na utilização específica das funcionalidades da Plataforma;
- Haverá apoio técnico assíduo a todos os participantes através de um serviço de *helpdesk*;
- Será frequentemente solicitada, a todos os participantes, a resposta a breves inquéritos de avaliação das funcionalidades da Plataforma, a fim de diagnosticar e resolver falhas técnicas e de usabilidade;
- Sempre que possível, serão introduzidas novas funcionalidades na plataforma, como resultado das sugestões e das necessidades que venham a ser sentidas ao longo do processo;

- Todas as actividades serão observadas e acompanhadas atentamente e serão sugeridas as ferramentas da Plataforma mais adequadas para cada fim.

O acesso à Plataforma também é uma questão importante. Em todas as escolas e jardins-de-infância deverá ser assegurado o fácil e rápido acesso à Internet, para que todos possam usar a Plataforma sem obstáculos.

As dinâmicas de interacção

A plataforma está integrada dentro de um plano de intervenção organizacional que visa consolidar todo o conceito de funcionamento escolar em Agrupamento. A Plataforma será uma ferramenta para todo um processo de intervenção e não uma solução instantânea. Esta mudança organizacional mexe com as dinâmicas de interacção entre pessoas e entre grupos.

Ao longo dos anos, o sistema escolar foi muito direccionado para o trabalho individualizado e para o trabalho parcelar nos níveis de ensino. Produziram-se e reproduziram-se modelos educativos que pouco ou nada valorizam qualquer interacção que não seja aquela entre o professor e o aluno. Este sistema não permitiu a criação de competências de trabalho voltadas para a colaboração, ou seja, para o trabalho em equipa, o que representa uma lacuna à luz das novas exigências de mercado, quer a nível laboral, quer a nível da rentabilização de recursos.

Este é o principal obstáculo que se nos coloca relativamente à criação das dinâmicas de interacção que o projecto envolve e, é a este nível que a equipa coordenadora encontrará alguns dos maiores desafios.

Cabe-nos tentar garantir:

- A manutenção de uma quantidade e frequência de interacções adequada à realização dos subprojectos;
- Uma comunicação multidireccional que não exclua nenhum dos intervenientes;
- Um equilíbrio entre a formalidade e a informalidade no qual todos se sintam confortáveis e o respeito pelas regras da boa convivialidade;
- Um ambiente de cooperação e de partilha de informação.

Isto implicará uma atenção permanente aos fluxos de informação, aos níveis de intervenção de cada participante e um trabalho de coordenação que estimule a comunicação permanente. A Plataforma disporá de mecanismos de aviso automático que nos darão informações críticas acerca dos níveis de interacção, mas cabe à equipa de coordenação monitorizar a qualidade dessa interacção e intervir oportuna e construtivamente.

Alguns problemas a este nível foram sentidos logo numa fase muito inicial do projecto. Constituímos um núcleo de trabalho que nos parecia “quase natural” e representativo do Agrupamento, composto pelas coordenadoras formais de todos os ciclos de ensino. A nossa intenção era aproximarmo-nos da rede de comunicação que já existia, e que à partida funcionava. Reunimos em particular com cada coordenadora de cada ciclo, apresentando o projecto, ouvindo opiniões e estudando a melhor forma de estabelecer comunicação. A receptividade em geral foi boa, mas nunca foi possível constituir este grupo de trabalho porque, apesar da aparente disponibilidade, havia resistências camufladas.

A informação que pretendemos fazer passar através deste grupo de trabalho nunca se realizou em concreto, tendo sempre que ser feita directamente por nós. A informação foi chegando aos nossos públicos através de mecanismos de comunicação informal, e procurámos eliminar alguns constrangimentos, adaptando as formas de comunicação a cada grupo. Por exemplo, evitámos convocar formalmente os professores do 1º ciclo e as educadoras de infância para as reuniões, por sabermos que estes grupos não gostam deste tipo de abordagem.

Pretendemos, com este exemplo, demonstrar como é importante adequarmos as formas de comunicação aos diferentes actores sociais, para que as mudanças pretendidas não sejam entendidas como um choque e para que não haja, logo à partida, rejeição.

A estrutura das actividades

Neste projecto, optou-se por uma abordagem pouco estruturada. Foi dado o tema geral e foi pedido às pessoas para pensarem em subprojectos. As equipas e as parcerias nasceram a partir daí.

Este tipo de abordagem implica riscos e pode tornar mais difícil a coordenação mas, neste caso, pareceu-nos a escolha mais indicada. Os docentes deverão ter autonomia na definição de objectivos pedagógicos e, nesses objectivos, não cabe a nós interferir. Ora, as actividades dependem fundamentalmente dos objectivos pedagógicos estabelecidos pelos docentes e o nosso papel é o de facilitar a sua realização através dos recursos disponíveis, bem como procurar outros recursos que possam ser necessários.

A equipa de coordenação só intervirá, a este nível, de uma forma mais activa quando verificar que a estrutura das actividades definida pelos docentes dificulta os processos de interacção e de cooperação que se pretendem.

A gestão do processo

As mudanças ao nível dos processos de trabalho são difíceis e são naturais as resistências que se lhes opõem. Apesar dos professores estarem todos a trabalhar no projecto temos consciência que nem todos estão a trabalhar em rede. Estamos a implementar uma mudança cultural e poderá levar algum tempo até que estes novos processos se multipliquem e se tornem uma prática generalizada.

O nosso papel passa por sensibilizar as pessoas para as vantagens, imediatas e a prazo (tais como complementar e partilhar a informação e saber estar em grupo), que advêm de uma nova forma de trabalhar e, também, por reunir as condições para que os novos processos possam ser implementados. Por exemplo, como já vimos anteriormente, é preciso que as tecnologias ajudem realmente e é preciso que as actividades escolhidas sejam adequadas para uma realização em rede.

Tentamos evidenciar e divulgar o sucesso dos grupos de trabalho que estão a funcionar colaborativamente, para que, em face disso, outros grupos possam aderir voluntariamente, compartilhando desse sucesso. A divulgação e disseminação de boas práticas é uma excelente forma de conseguir mudanças mais sólidas e fundamentadas. Os grupos irão, seguramente, aprender muito através do intercâmbio de experiências e a tendência será para se adoptar processos cada vez mais eficazes.

Exemplo disso são as reuniões formais que se têm revelado muito produtivas com o corpo docente da Escola Sede do Agrupamento (E.B.2,3/S de Rio Caldo). Conseguimos juntar um grande número de elementos, onde se gera um grande cruzamento de informação e onde, normalmente, um membro do Conselho Executivo está sempre presente, o que é importante para reforçar o apoio do grupo dirigente à equipa coordenadora do projecto.

A troca de informação entre professores é bastante interessante. Dificilmente assumem as suas dificuldades ou então atribuem-nas aos alunos, o que funciona como um factor de consenso entre os professores.

A motivação e empenho de alguns professores no projecto traz, por arrastamento, outros que à partida se mostravam resistentes. Neste ponto, as reuniões têm um papel importantíssimo na definição de relações.

Por outro lado, as reuniões também servem para fazer chegar informação directamente aos professores, diminuindo assim eventuais ruídos de comunicação.

Numa primeira fase a nossa intervenção passou por salientar os benefícios de um trabalho com estas características. Preocupámo-nos com os processos de motivação e trabalhámos os processos de comunicação facilitadores de um trabalho colaborativo.

Quando a Plataforma estiver operacional, a sua gestão não será realizada exclusivamente por nós, mas por uma equipa composta também por professores e por alunos que, voluntariamente queiram contribuir com as suas competências, e sensibilidades.

Planeamos, numa fase posterior, alargar o projecto a outros grupos, como associações de pais, associações comerciais e outros parceiros da comunidade envolvente. Para que isso possa acontecer é necessário que a rede de escolas já esteja a comunicar e a colaborar com fluidez.

As culturas de grupo

Este projecto envolve um conjunto de pessoas com identidades sociais muito diferenciadas. As educadoras vêm-se como diferentes dos professores, os professores do 1º Ciclo vêm-se como diferentes dos restantes professores, e sucessivamente, observamos identidades distintas associadas a cada nível de ensino. Não é suficientemente claro que estejamos perante diferentes culturas profissionais mas tem sido frequentemente observado o efeito de estereótipos na percepção intergrupala.

Notámos que, experiências anteriores de trabalho em rede ao nível do 1º Ciclo facilitaram muito a adesão destes professores ao projecto.

As áreas de formação científica são outro factor de categorização e de identificação social.

Identidades locais e identidades associadas a cada escola poderão também vir a manifestar-se ao longo do projecto, mas não dispomos ainda de qualquer evidência nesse sentido.

A escolha do tema “Os Búrios” não foi ao acaso. Pretendeu-se reunir todas as pessoas em torno de um factor identitário comum, de forma a deslocar a atenção das pessoas para aquilo que as liga e não para aquilo que as separa.

O plano de marketing empreendido tentou também reforçar essa identidade conferindo-lhe valor e reconhecimento público.

Ao longo do processo temos também procurado ter em atenção as sensibilidades e as formas de estar de cada um dos grupos, tentando respeitá-las o máximo possível. Acreditamos que a heterogeneidade de composição da equipa de gestão da Plataforma, facilitará a adequação a essas diferentes culturas.

A produção criativa de conteúdos

Um dos principais objectivos deste projecto é que os alunos pesquisem informações acerca dos Búrios e que organizem essas informações em trabalhos bem estruturados que virão a ser divulgados, quer em livro, quer através da Internet.

Uma importante medida do sucesso deste projecto será, portanto, a qualidade dos seus produtos finais.

Como já foi referido, serão essencialmente os docentes a definir os objectivos pedagógicos e as estratégias mais adequadas para os atingir e, nessa medida, serão também eles os responsáveis pela definição de critérios de qualidade.

O contributo da sociologia não se dá no plano pedagógico mas sim no plano social e organizacional, que não estão directamente relacionados com a produção dos conteúdos.

A este nível, o papel da equipa coordenadora passará pela resposta aos pedidos de informação e pela adaptação dos materiais para publicação na Plataforma.

Conclusão

Como já foi referido, o sucesso deste projecto medir-se-á fundamentalmente através da qualidade do produto final e através das mudanças operadas ao nível dos processos de trabalho e ao nível das dinâmicas de interacção.

Se, na verdade, pouco controle directo podemos ter sobre a qualidade dos produtos finais, já relativamente às mudanças esperadas o nosso papel é mais interventivo.

Pretendemos que o projecto “Os Búrios” seja um motor de mudança em todo o Agrupamento Escolar de Rio Caldo, que desenvolva hábitos de pesquisa e competências na área das TIC, que promova a utilização da biblioteca e que produza uma dinâmica de trabalho em rede que irá, inevitavelmente, traduzir-se na qualidade dos processos de aprendizagem e num clima de mais motivação para professores e alunos.

Acreditamos também que fomentando e desenvolvendo as capacidades de investigação, de trabalho em projecto e de trabalho em equipa, estaremos a criar profissionais mais aptos e competitivos para os desafios actuais e futuros.

Este é um projecto de mudança organizacional e, por isso, um projecto de intervenção psicossocial como qualquer outro, independentemente do contexto. O seu carácter inovador está apenas no facto de ocorrer num contexto escolar.

Os sociólogos das organizações têm dado o seu contributo em inúmeras empresas e instituições públicas, no entanto, as escolas não têm beneficiado igualmente deste tipo de intervenção. E todos sabemos que não é por falta de necessidade.

Esperamos que este projecto, que está a ser realizado no âmbito de um estágio curricular, continue muito para além deste. E esperamos que o sucesso deste projecto possa abrir portas para outras experiências semelhantes, que a rede se alargue e que vejamos cada vez mais sociólogos a trabalhar com as escolas. Para benefício das escolas e da própria sociologia.

Bibliografia

- AFONSO, A. (2000) “Terras de Bouro: Passado com História,” *Terras de Bouro*: Edição Câmara Municipal de Terras de Bouro.
- BERGE, Z.L. e Collins, M.P. (Eds.) (1995) *Computer Mediated Communication and the Online Classroom*, Hampton Press.
- Bzuneck, J.A. (s.d.) As Crenças de Auto-eficácia dos professores, publicado na Internet em <http://www.emory.edu/EDUCATION/mfp/Bzuneck1.pdf>, consultado em Abril de 2004.
- CROOK, C. (1994) *Computers and the Collaborative Experience of Learning*, Routledge.
- “Responsabilidade social na escola” in *marketeer estratégias, marketing e negócios*, nº 86 (2003), pp. 68-71;
- RUTKOWSKI, A.F.; Vogel, D.R., Genuchten, M.V., Bemelmans, T.M.A. e Favier, M. (2002) “E-Collaboration: The Reality of Virtuality,” *IEEE Transactions on Professional Communication*, Vol. 45, No. 4, pp. 219-230.
- SILVA, D.M. (1995) “Os Búrios,” *Terras de Bouro*: Edição Câmara Municipal de Terras de Bouro.
-